

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS

VANUZA HELENA BRITO

LEITURA DECOLONIAL DE *BECOS DA MEMÓRIA*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

**ALFENAS/MG
2025**

VANUZA HELENA BRITO

LEITURA DECOLONIAL DE *BECOS DA MEMÓRIA*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharela em Letras - Língua Portuguesa, pela Universidade Federal de Alfenas.

Linha de Pesquisa: Literatura e Sociedade

Orientadora: Amanda Naves Berchez

**ALFENAS/MG
2025**

Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Alfenas
Biblioteca Central

Brito, Vanuza Helena.

Leitura decolonial de "Becos da Memória", de Conceição Evaristo /
Vanuza Helena Brito. - Alfenas, MG, 2025.

33 f. -

Orientador(a): Amanda Naves Berchez.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras - Bacharelado
Língua Portuguesa) - Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, MG, 2025.

Bibliografia.

1. Becos da memória. 2. Conceição Evaristo. 3. Decolonialidade. 4.
Expropriação. 5. Lócus Fraturado. I. Berchez, Amanda Naves, orient. II.
Título.

VANUZA HELENA BRITO

LEITURA DECOLONIAL DE *BECOS DA MEMÓRIA*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

A banca examinadora abaixo assina a aprovação do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharela em Letras - Língua Portuguesa, pela Universidade Federal de Alfenas.

Área de concentração:
Linha de Pesquisa: Literatura e Sociedade

Orientadora: Amanda Naves Berchez

Aprovada em 27 de novembro de 2025

Profa. Dra. Amanda Naves Berchez
Universidade Federal de Alfenas

Assinatura

Profa. Dra. Katia Aparecida da Silva Oliveira
Universidade Federal de Alfenas

Assinatura

Profa. Dra. Juliana Pimenta Attie
Universidade Federal de Alfenas

Assinatura

RESUMO

Neste artigo, propomos uma leitura de *Becos da memória*, de Conceição Evaristo, a partir da Decolonialidade compreendida como método de vida, numa perspectiva que valoriza as resistências e evidencia a potência narrativa da favela enquanto espaço de enunciação. A discussão percorre questões socioculturais e raciais, ressaltando os impactos da expropriação sobre a sociedade brasileira, em especial no que concerne ao direito à moradia. O estudo também discute o ingresso de pessoas negras nas universidades, com atenção particular às trajetórias e às experiências de mulheres. Sem recorrer a eufemismos, o artigo problematiza temas como violência doméstica, machismo estrutural, feminicídio, cultura do estupro e invisibilidade racial, fenômenos cuja transparência dolorosa frequentemente conduz a experiências-limite, como o suicídio. A intersecção de opressões e a noção de “Lócus Fraturado” constituem eixos da análise por fornecer o arcabouço necessário para a análise-interpretação da permanência das estruturas coloniais nas dinâmicas que atravessam as comunidades periféricas. Por fim, enfatizamos as formas de (re)existência que emergem dessas fraturas, com o propósito de registrar a força vital e simbólica das populações historicamente marginalizadas por uma exclusão sistêmica.

Palavras-chave: *Becos da memória*; Conceição Evaristo; Decolonialidade; Expropriação; Lócus Fraturado.

ABSTRACT

In this paper, we propose a reading of *Becos da memória*, by Conceição Evaristo, from the perspective of Decoloniality understood as a way of life, in such a standpoint that values resistance and highlights the narrative power of the *favela* (slum) as a space of enunciation. The discussion addresses sociocultural and racial issues, emphasizing the impacts of expropriation on Brazilian society, particularly regarding the right to housing. The study also examines the entry of Black people into universities, with special attention to the trajectories and experiences of women. Without resorting to euphemisms, the article engages with themes such as domestic violence, structural machismo/male chauvinism/sexism, femicide, rape culture and racial invisibility, phenomena which painful transparency often leads to limit experiences, such as suicide. The intersection of oppressions and the notion of “Fractured Locus” serve as central analytical axes, providing the framework for examining the persistence of colonial structures within the dynamics that shape peripheral communities. Finally, we emphasize the forms of (re)existence that emerge from these fractures, aiming to record the vital and symbolic strength of populations historically marginalized by systemic exclusion.

Keywords: *Becos da Memória*; Conceição Evaristo; Decoloniality; Expropriation; Fractured Locus.

RESUMEN

En este artículo, proponemos una lectura de *Becos da memória*, de Conceição Evaristo, desde la perspectiva de la Decolonialidad entendida como un modo de vida, un enfoque que valora las resistencias y pone en evidencia la potencia narrativa de la favela como espacio de enunciación. La discusión aborda cuestiones socioculturales y raciales, destacando los impactos de la expropiación en la sociedad brasileña, especialmente en lo que respecta al derecho a la vivienda. El estudio también analiza el ingreso de personas negras a las universidades, con especial atención a las trayectorias y las experiencias de las mujeres. Sin recurrir a eufemismos, el estudio problematiza temas como la violencia doméstica, el machismo estructural, el feminicidio, la cultura de la violación y la invisibilidad racial, fenómenos cuya transparencia dolorosa frecuentemente conduce a experiencias-límite, como el suicidio. La intersección de opresiones y la noción de “*Lócus Fracturado*” constituyen ejes centrales del análisis, al proporcionar el marco necesario para interpretar la persistencia de las estructuras coloniales en las dinámicas que atraviesan las comunidades periféricas. Finalmente, enfatizamos las formas de (re)existencia que emergen de estas fracturas, con el propósito de registrar la fuerza vital y simbólica de las poblaciones históricamente marginadas por una exclusión sistémica.

Palabras-clave: *Becos da Memória*; Conceição Evaristo; Decolonialidad; Expropiación; Lócus Fracturado.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	RE-EXISTÊNCIAS E A POTÊNCIA NARRATIVA DA FAVELA: DECOLONIALIDADE COMO MÉTODO DE VIDA ...	12
3	QUESTÕES SOCIOPOLÍTICAS, RACIAIS E A EXPROPRIAÇÃO EM REALCE	14
4	MARIA-NOVA: ACADÊMICA, ESCRITORA DE PRESTÍGIO. REALIDADE OU UTOPIA?	19
5	A DOR É FORTE DEMAIS: DA TRANSPARÊNCIA CULMINANDO EM SUICÍDIO	21
6	A INTERSECÇÃO DE OPRESSÕES E A VISÃO DO LÓCUS FRATURADO	26
7	A FRATURA, O ACIDENTE DOS TRATORES	28
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31

1. INTRODUÇÃO

Na paisagem literária brasileira contemporânea, *Becos da memória*, composição de Conceição Evaristo originalmente publicada em 2006, ergue-se como monumento narrativo de incontestável relevância. Estamos diante de uma investida memorialista que combina um lirismo cortante e irredutível ao facilismo e um esforço topográfico apurado e brutal das vielas de um cotidiano opressivo. Evaristo mobiliza uma constelação de personagens, encabeçada pela narradora Maria-Nova, para tecer um painel no qual individual e coletivo se fundem, isto é, de tal modo que a memória coletiva se preste a potente instrumento para a construção de uma crônica polifônica sobre apartação social. Seu projeto literário vai além do relato, na medida em que se impõe como desafio epistemológico a quem lê a fim de que reconheça e se ponha a ouvir vozes via de regra vítimas de apagamentos no decorrer da História das civilizações. “Um dia, ela haveria de narrar, de fazer soar, de soltar vozes, os murmúrios, os silêncios, o grito abafado que existia, que era de cada um e de todos. Maria-Nova um dia escreveria a fala de seu povo.” (Evaristo, 2019, p. 177).

É na tradução dessa humanidade complexa e resistente que entendemos residir a pulsão primordial desse romance. Nele, estão postos em cena coeficientes dos mais abissais da experiência marginalizada, abrangendo o preconceito estrutural, o desamparo estatal e o acabrunhamento por fome e miséria, os quais ganham projeção com uma crueza que assera, ao mesmo tempo, crítica e resiliência. É assim que a autora articula mais do que tão somente a discussão de questões pungentes à nossa sociedade, já que as encarna na linguagem, o que alça *Becos da memória* como obra indispensável para se decifrar o Brasil da atualidade. Tal feito advém da consolidação de uma trajetória intelectual ímpar. Graduada em Letras pela Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mestre em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-RJ) e doutora em Literatura Comparada na Federal Fluminense (UFF), Evaristo conjuga, com a potência da escrita literária, o embasamento e a precisão acadêmicos adquiridos também de sua prática enquanto pesquisadora-docente, em instituições de renome como a Federal de Minas Gerais (UFMG) e a Universidade de São Paulo (USP). Trata-se de uma polivalência laureada com prêmios entre os quais o *Jabutí* (2015, categoria “contos”) e o *Faz Diferença* (2016, categoria “prosa”), o que contribuiu para garantir à sua obra ressonância internacional, dadas suas traduções ao inglês, ao francês e ao alemão.

Com base nesta breve introdução, já nos é possível aventar a arquitetura rizomórfica desse romance, dentro da concepção de Deleuze e Guattari, para os quais “qualquer ponto de

um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo” (1995, p. 15). A narrativa de Evaristo opera precisamente sob essa lógica: a favela é rizoma. Ao abolir o protagonismo central e único em favor de uma rede de locuções e histórias interconectadas (haja vista Maria-Nova, Vó Rita, Ditinha, Negro Alírio, entre outras), sua estrutura faz-se como um decalque da própria organização comunitária e robusta da Vida naquelas vielas. Também o enredo nos parece expansivo, horizontal e conectivo tal qual um rizoma, em que, em paráfrase à citação prévia, qualquer ponto (uma personagem, um beco, uma memória) pode se configurar como entrada para compreender o horizonte mais amplo. Donde constatemos a expressividade e o caráter múltiplo da matéria diegética, que nos conduzem à confirmação dessa obra como marco de inovação formal e compromisso ético.

Como ficção-realidade, o romance apresenta a favela em sua pluralidade constitutiva, lugar de tragédia e ternura, e sua forma rizomática se ativa tal como em um ensaio de acolhimento a outras possibilidades de existência: “Homens, mulheres, crianças que se amontoaram dentro de mim, como amontoados eram os barracos de minha favela.” (Evaristo, 2019, p. 17). Neste percurso, a geografia concreta da comunidade não se reduz a pano de fundo, dado que age socialmente por si mesma. É assim que a favela se impõe em sua materialidade: o relevo irregular, o contorno das casas, as lavadeiras estendendo roupas no varal. O cotidiano está atravessado por microconflitos de ordem ambiental, como a disputa pelas três torneiras de água; a desigualdade na distribuição – uma, quase seca; outra, um pouco mais generosa; a de cima, abundante, pois, com ela, se iniciava o encanamento que “supria” a favela inteira – reflete, em miniatura, a economia política da escassez que estrutura a sociedade em maior escala.

Em frente da casa em que ela morava com a Vó Rita, ficava uma torneira pública. A “torneira de cima”, pois no outro extremo da favela havia a torneira de baixo”. Tinha, ainda, o “Torneirão” e outras torneiras em pontos diversos. A “torneira de cima”, em relação à “torneira de baixo”, era melhor. Fornecia mais água e podíamos buscar ou lavar roupa o dia todo. Era possível se fazer ali o serviço mais rápido. (Evaristo, 2019, p. 16)

Mas, aqui, não há reducionismo miserabilista, considerando que o passar dos anos é pintado com momentos de festa e comunhão. Veja-se que um dos pontos de maior tensão dialética chega com o samba irrompendo no som áspero da cúica. É quando os corpos dançam, bebem e cantam às bordas do perigo – literalmente, à beira da cratera funda e temida batizada

de *Buracão*¹. Esse instante compreende a performance rizomática em sua radicalidade: a celebração da vida que pulsa no limite do abismo, mesclando risco e alegria, comunidade e precariedade. “Além dos festivais de bola, um outro momento em que a favela respirava alegria era nas festas juninas.” (Evaristo, 2019, p. 43). A favela está posta como ecossistema intrincado de afetos e reivindicações, refratário a qualquer visão homogênea e/ou unidimensional.

Entretanto, o que doía mesmo em Maria-Nova era ver que tudo se repetia, um pouco diferente, mas, no fundo, a miséria era a mesma. Seu povo, os sofridos, os miseráveis, em todas as histórias, quase nunca eram os vencedores, e sim, quase sempre, os vencidos. A ferida dos do lado de cá sempre ardia, doía e sangrava muito. (Evaristo, 2019, p. 63)

Feitas tais ponderações embrionárias, este artigo propõe uma leitura de *Becos da memória* que privilegie operadores de sentido capazes de revelar o vigor que se conserva mesmo à marginalização dos sujeitos. Nosso movimento analítico-interpretativo se insere no panorama dos Estudos Decoloniais, cuja metodologia adotamos para investigar o romance. A empreitada decolonial ancora-se no entendimento de que o sistema-mundo moderno/colonial (Wallerstein, 2011), estruturado desde o século XVI, ergueu-se da manipulação de três grandes pilares: raça, gênero e trabalho. Sobre isso, acrescentam a nós as palavras de Morrison: “A raça tem sido um parâmetro de diferenciação constante, assim como a riqueza, a classe e o gênero, todos relacionados ao poder e à necessidade de controle.” (2019, pp. 13-14). Ocorreu que os eixos de subjugação não se dissolveram com o fim jurídico do colonialismo; antes, cristalizaram-se em *Colonialidade do Poder* (Quijano, 2005). Como lembra Grosfoguel (2008, p. 126), “as zonas periféricas mantêm-se numa situação colonial”, sujeitas a um padrão de dominação sob termos euro-norte-americanos, capitalistas, patriarcais e modernos, que reproduz hierarquias globais encarnadas e passíveis de serem resumidas na figura paradigmática do “homem heterossexual/branco/patriarcal/cristão/militar/capitalista europeu” (Ballestrin, 2013, p. 102). Essas engrenagens estendem-se para além de política e economia, atingindo, e talvez de uma forma ainda mais decisiva, a alçada dos saberes e da subjetividade.

Todos sabiam que a favela não era o paraíso, mas ninguém queria sair. Ali perto estava o trabalho, a sobrevivência de todos. O que faríamos em lugares tão distantes para onde estávamos sendo obrigados a ir? (Evaristo, 2019, p. 71)

¹ “No meio da área onde estava situada a favela, havia um buraco imenso que crescia sempre e sempre na época de chuvas com os constantes desbarrancamentos. O local era conhecido por Buracão. O Buracão era grande, maior que o mundo talvez. Ali caíam bêbados e crianças distraídas. (...) O Buracão foi um dos últimos, se não o último local da favela a desaparecer. O Buracão desafiava o mundo.” (Evaristo, 2019, p. 129).

Disto, decorre que as marcas de marginalização que objetivamos examinar são, senão consequências diretas, intensos diálogos com esses valores transladados e ressignificados no contexto periférico brasileiro. Nossa abordagem pauta-se na concepção de que as identidades se formam de maneiras relacionais e, amiúde, conflitivas (Laclau & Mouffe, 2001), motivo pelo qual a lógica de coação e conformação pela negatividade é basilar se há vistas a decodificar as relações de poder estabelecidas na favela ficcional de Evaristo. A esta nota teórico-metodológica, adicione-se outra de que daremos ênfase à violência em suas várias manifestações, principalmente nas esferas da sociopolítica, de gênero, raça e estética, sempre consideradas sob o regime de indissociabilidade entre forma e tema que pensamos caracterizar a literatura.

Além do mais, sustentamos que a moção que ampara a gênese de *Becos da Memória* é radicalmente decolonial porque não se limita a expor e denunciar as marcas de opressão, ao também revelar, concomitantemente a isso e sobretudo, as cifras de beleza, resistência e vida que perfazem o tecido social marginalizado representado. A narrativa demonstra, na prática, que a favela, enquanto *locus* de enunciação, inspira e exige novas ficções. Pela proposição de seus lugares como vértice de produção de conhecimento, subjetividade, arte e modos de vida alternativos ao *status quo*, Evaristo opera uma virada ontológica crucial. Isto pois sua escrita não comunica *sobre* a comunidade, como se em distanciamento laboratorial, mas, sim, *a partir dela*, em uma dinâmica de intimidade e copertencimento orgânicos. É este o gesto decolonial fundamental: uma desobediência epistêmica que restitui a agência e a dignidade plenas das personagens, sem render o ser ainda-colonizado como objeto de estudo. Através dessa insurgência, *becos da memória* se dispõem a campo fértil para imaginação política e estética de futuros melhores possíveis, ultrapassando a configuração da periferia como mero espaço de carência.

2. RE-EXISTÊNCIAS E A POTÊNCIA NARRATIVA DA FAVELA: DECOLONIALIDADE COMO MÉTODO DE VIDA

Entender os rumos da decolonialidade exige de nós revisitar o estatuto do Brasil Colônia e da colonialidade inaugurada com a “chegada” europeia. Dussel (1993) designa esse movimento de outro modo ao se interrogar sobre a própria noção de Modernidade. Por séculos, permaneceu sem a devida atenção que a chamada “Modernidade” constituiu uma narrativa autocelebratória, urdida pelo Ocidente para legitimar sua supremacia. Suas instituições, introduzindo-se como universais e centrais, fortaleceram-se sobre a suposição da incivilidade

e, portanto, da inferioridade de demais povos. Essa operação discursiva deu respaldo à imposição, ao subjugo, à exploração e a um repertório de violências que respaldaram a ascensão europeia em meio ao horror colonial. Pensar a Modernidade requer que olhemos os lados da moeda: em um deles, um horizonte racional e que se supunha emancipador; em outro, uma quimera desenvolvimentista, destrutiva e vitimária. Dussel (1993) oferece a chave para essa leitura: para ele, a gestação da Modernidade ocorreu na Europa medieval, espaço fértil de invenção; já o nascimento se deu em 1492, no embate com o “Outro” e no ímpeto de conquistá-lo, violentá-lo e prevalecer sobre ele.

Esse *ego* expansionista não realizou um descobrimento, mas um *encobrimento*: diagnosticou povos inteiros como “massa rústica” a ser civilizada, erguendo o mito progressista como véu ideológico para ocultar dominação e destruição. Deve ser considerada também a soberba da instituição cristã, em tendo a Europa se proclamado centro do mundo e transformado povos e culturas em meros objetos, dos quais nada teria a aprender, pois se bastava em si mesma. A visão hegeliana ilustra esse movimento: a Europa seria ao mesmo tempo “das Zentrum” (do alemão: “o centro”) e “das Ende” (do alemão: “o fim”) do mundo (1970, p. 130), enquanto a África era relegada às categorias de “barbárie”, “selvageria”, “anarquia”, “animalidade”, “confusão” – ou seja, uma taxonomia interminável da desumanização. Circunstância semelhante se desdobrou na recepção estética da “descoberta”: fantasiava-se uma “quarta parte da terra” habitada por seres asiáticos, em vez de se reconhecer a singularidade da América em contraste com a China. Essa operação foi decisiva para que a Europa se reinventasse, abandonando seu caráter provinciano e renascentista para se afirmar como sujeito moderno, erigindo o “ego” e a “subjetividade” que se anunciariam universais.

Em costura destes apontamentos, vemos como a Modernidade nasceu inseparável da Colonialidade, e, disso tudo, foi que se extraiu a Marginalidade. Afinal, na mesma levada de se fabricar padrões de normalidade, também acabou fabricada a anormalidade. Estabilizou-se pelo poder de alguns sobre a vida e os corpos de outros, instaurando uma divisão que exigia novas tecnologias para gerir quem podia viver e quem devia morrer. Em termos foucaultianos (2005), a modernidade se ergueu no signo do biopoder e de sua fórmula brutal: “fazer viver ou deixar morrer”. Para investir nas camadas hegemônicas, o Estado burguês precisou retirar investimento daquelas vidas-corpos fora dos ideais normativos da nação e inassimiláveis à lógica produtiva. A colonização operou, portanto, não apenas pela força da imposição, mas pelo cinismo de exigir gratidão: os seres colonizados eram oprimidos e, ainda assim,

desautorizados até mesmo para questionar e fazer reivindicações. A título de ilustração, trazemos o caso contado por um dos descendentes de pessoas escravizadas das histórias de seus ancestrais:

Luís fora menino inteligente, sempre indagador das causas. Era um rebelde, odiava os sinhôs. Quando venderam a sua irmã por ela ter agarrado o sinhô pelo peito da camisa, ele vomitava ódio e prometia se vingar, pôr fogo na casa grande. (Evaristo, 2019, p. 33)

Como se percebe, essa mecânica de colonização é verificável também em *Becos da Memória*. Em dado momento, desponta o temido “bichão pesado” (Evaristo, 2019), nome atribuído aos tratores e retroescavadeiras responsáveis pelo desfavelamento, ocasião causadora de opressões físicas e psicológicas:

Ameaçados, ou melhor, confrontados diante do desfavelamento, um desânimo amolecia a vontade de todos. Emoções confusas tomavam conta de Maria-Nova e a menina procurava se equilibrar em meio de tantos acontecimentos. (Evaristo, 2019, p. 137)

Numa situação análoga à do Brasil Colônia, moradores foram obrigados a emudecer seus gritos de revolta e a resignar-se diante da violência do Estado. À luta constante no cotidiano, somou-se de súbito a preocupação para com a máquina que ameaçava desmanchar barracos, dispersar famílias e instaurar o desamparo coletivo. A paz interior se perdeu, restando apenas a indeterminação quanto ao futuro. Paradoxalmente, nas épocas de chuva, o “bichão pesado” interrompia os trabalhos, e esse intervalo era vivido quase como alívio, ainda que momentâneo, diante dos deslizamentos e inundações: “Como o tempo de chuva corria meses sem tréguas, o bicho pesadão fora obrigado a parar o trabalho e havia saído da favela”. (2019, p. 140). Mas o alívio era apenas a pausa da catástrofe: mortes continuavam a efetivar-se, fossem por causas naturais, fossem por violências sociopolíticas que atravessavam a trama da comunidade. A expropriação avançava, corroendo dia após dia o espaço de Vida: “O bicho pesadão voltou bravo, com fome e sede de barracos, barrancos, buracos. Passava certo, derrubando tudo.” (Evaristo, 2019, p. 148). O paralelo, aqui, parece-nos oportuno: ainda que o Brasil tenha proclamado independência, a de(s)colonização permaneceu incompleta, o que se evidencia até pela naturalização da expropriação. Em *Becos da memória*, esse mecanismo aparece como espólio silencioso sobre a favela, mas também como queixa deliberada à persistência de repressões aos moldes coloniais.

3. QUESTÕES SOCIOPOLÍTICAS, RACIAIS E A EXPROPRIAÇÃO EM REALCE

Em *Becos da memória*, Conceição Evaristo inscreve a saga de uma comunidade que habita a favela nas múltiplas formas de luta necessárias não apenas para assegurar a sobrevivência física, mas também para reivindicar o mínimo de atenção das instâncias públicas – municipal, estadual e federal. A conquista desse “mínimo” se mostra, na prática, uma tarefa árdua, resultado de uma resistência contínua face ao descaso sistêmico. A infraestrutura é escassa a ponto de comprometer a própria noção de dignidade: faltam condições básicas para a manutenção da vida cotidiana. O saneamento inexistente, a distribuição de água é irregular, e o esgoto reduz-se a fossas improvisadas. O excerto a seguir sintetiza o ambiente degradado e a naturalização da violência histórica que atravessa a comunidade: “Ditinha estava cansada, humilhada. Olhou seu barraco, uma sujeira. As roupas amontoadas pelos cantos. Olhou as paredes, teias de aranha e picumãs. Um cheiro forte vinha da fossa. Era preciso jogar um pouco de cal virgem sobre as bostas.” (Evaristo, 2019, p. 101). É por isso que a comunidade se agarra com ardor às promessas políticas que periodicamente reacendem a esperança de mudanças. Durante as campanhas eleitorais, a favela se transforma em vitrine de ilusões: panfletos estão colados às paredes, alto-falantes ecoam *slogans* e rostos de candidatos se multiplicam em meio à precariedade. “Em época de eleição, apareciam lá candidatos a votos e juravam que fariam alguma coisa por nós. Que a lei usucapião existia, que nós não sairíamos de lá nunca, se votássemos neles” (Evaristo, 2019, p. 117).

A atmosfera de “festa linda” (foguetes, fogos, sorrisos) encobre o desespero coletivo temporária e provisoriamente apenas. O brilho efêmero das promessas feitas à troca de votos funciona de narcótico: alimenta o espírito enquanto o medo da expropriação corrói o cotidiano em tácito. Mas, uma vez terminada a euforia, o vazio se impõe, deixando de resto o gosto amargo do engano, o “veneno” da esperança traída. A imprensa, por sua vez, até tenta intervir mediante a confecção de matérias com tom sentimental, mas só consegue de modo superficial, confirmando-se incapaz de romper com o arranjo de espetáculo que reduz o sofrimento à notícia: “Quantos políticos e outros profissionais haviam subido o morro, prometendo mundos e fundos... Repórteres de grandes jornais haviam feito emocionantes entrevistas.” (Evaristo, 2019, p. 153). É um ciclo perverso entre promessa e abandono que estrutura a relação entre o Estado e a periferia: uma coreografia que endossa poder e entrega desamparo, sob a concepção de que a favela só existe para ser convocada a votar, nunca para que exista em plenitude.

A retórica da expropriação carrega em seu próprio arcabouço o germe dessa perversidade: toma-se como invasoras as pessoas que, há gerações, fincaram raízes na terra que lhes dá abrigo. Tio Totó, por exemplo, foi retratado em estado inconsolável: “Deus do céu, seria aquilo vida? Por que a gente não podia nascer, crescer, multiplicar-se e morrer numa mesma terra, num mesmo lugar?” (Evaristo, 2019, p. 31). A justificativa jurídica – *i. e.*, a suposta irregularidade das áreas – se desfaz diante de evidências táteis de pertencimento: pagamento de impostos, títulos eleitorais, endereços certificados pelo Estado. Logo, se esses indivíduos votam, contribuem e cumprem com seus respectivos deveres civis, é porque eles estão inscritos e são reconhecidos no corpo da nação, ainda que apenas na medida necessária de sua exploração. Ninguém escolhe a precariedade; ninguém constrói uma casa em terreno instável porque quer, mas, sim, por necessidade, desemprego e uma série de outras contingências sociopolíticas. Está posta, assim, a contradição de um Estado que cobra cidadania sem concedê-la.

O sofrimento, a despeito de ser denominador comum da comunidade, parecia especialmente agudo entre idosos e crianças. Os pequenos, imersos em um futuro impreciso, tinham sua esperança alimentada pelo fervor incansável de seus pais para garantir o básico para eles; em sendo a comida prioridade, acabavam sacrificados momentos como ceias ou a troca de presentes no Natal. Já a situação para os mais velhos, como acabamos de ver com Tio Totó, era mais desoladora. Além da fragilidade imposta pelo desgaste dos anos, a saúde debilitada na região agravava a condição deles, devido ao que topavam com enormes dificuldades para tratar suas doenças. O corpo de Tio Totó, em idade avançada, clamava por descanso, mas a necessidade de mudar novamente o colocava num impasse doloroso. Em seu olhar, vemos refletidas despedidas: ele observava sua terceira esposa, seus netos órfãos, sua casinha caiada de branco, as galinhas, o chiqueiro vazio. “Sabia que seus pais eram escravos e que ele já nascera na ‘Lei do Ventre Livre’. Que diferença fazia? Seus pais não escolheram aquela vida e nem ele.” (Evaristo, 2019, p. 32). Decidido, afirmou que não sairia da favela, que ali seria sua última morada. “Eu, vivido, já velho, estou aqui. Meu corpo pede terra. Cova, lugar de minha derradeira mudança.” (Evaristo, 2019, pp. 31-32).

Aproveitando o gancho do motivo animal, cabe dizer, aqui, que a chegada da personagem de Jorge Balalaika à favela, junto à esposa Rute e aos dois filhos, trouxe uma nova referência de resiliência. Trabalhador incansável em seu ofício de açougueiro, Jorge tornou-se um ponto de contraste dentro da própria realidade que o cercava. Apesar das adversidades,

desfrutava de um privilégio raro, o de comer carne todos os dias, o que lhe rendeu tanto admiração quanto inveja. Com o tempo, sua trajetória na comunidade foi denotando estabilidade. “Os sebos, os nervos, tudo que não se conseguia vender, e as carnes malcheirosas que sobravam, o dono do açougue repartia com os empregados. Se na panela faltassem o arroz e o feijão, havia a farofa feita com os retalhinhos de carne-sebo-gordura.” (Evaristo, 2019, p. 112).

Em um quadro de forças que se esvaíam, o povo, cada vez mais apático porque consumido pela penúria, precisava agarrar-se a algo para (sobre)viver. Vimos que atividades coletivas como o futebol e as festas juninas se prestavam a válvulas de escape fugazes, proporcionando uma alegria que era seguida pelo gosto amargo da desilusão, sendo esta a prova da insuficiência desses escapes. Surgia, então, o último refúgio para as dores: a religião. “A oração podia ser aplicada à vida de todos e à sua vida: A vós bradamos os degredados filhos de Eva. Por vós suspiramos neste vale de lágrimas.” (Evaristo, 2019, p. 45). Contudo, o próprio alicerce dessa esperança prova-se corroído por males ainda mais profundos e tristes. A oração já estampa o desamparo terreno, e a violência que ricocheteia é a da mais crua intolerância; um golpe traiçoeiro, pois parte exatamente de onde se esperava acolhimento: do líder espiritual da própria igreja. A narrativa expõe essas feridas quando “[...] um grupo de homens do Congo de Sô Noronha foi convidar o padre da paróquia vizinha para celebrar uma missa na capela. O padre respondeu que a missa não podia ser realizada em lugares profanos” (Evaristo, 2019, p. 175). A instituição que se vende como promotora do refúgio aos oprimidos é a mesma que os profana, que lhes nega até o direito de existir em sua própria fé. A captura perfeita de um sistema que, além de não oferecer saídas, tampouco dá o alento, os respiros.

As questões raciais ainda atravessam de modo profundo e desigual não só o tecido social brasileiro, mas todo o panorama das Américas. Essa continuidade de violências ecoa na expressão “Enough is enough!”, retomada por Michelle Obama em seu discurso de 13 de outubro de 2016, diante das reiteradas demonstrações de desrespeito às mulheres feitas pelo então candidato Donald Trump, às vésperas das eleições presidenciais nos Estados Unidos (Figueiredo, 2020, p. 225). O episódio tornou-se emblemático por reavivar uma pauta transnacional: o clamor de mulheres negras por dignidade, representação e liberdade frente às múltiplas camadas da opressão. Mais do que um recorte nas discussões públicas, trata-se de uma batalha por visibilidade e reparação. No Brasil, os movimentos negros têm insistido no diálogo com as instâncias de poder e na inscrição de sua presença em espaços historicamente

vetados a seus povos. Apesar da relevância e da consistência das ações, a resistência institucional se faz sentir: indiferença, repressão e criminalização de seus agentes estão entre os sintomas de uma sociedade que não se reconciliou (quem dirá, superou) heranças coloniais que a fundaram. A insurgência se adensa sob a certeza de que marchar é necessário, e, nessa travessia, as mulheres negras têm assumido a linha de frente da luta por abrir caminhos à libertação de seus corpos e do ideário que os mantém encarcerados. Figueiredo (2020, p. 226) sublinha que a de(s)colonização das mentes materializa-se em esforços contínuos por modos de se estar no mundo em que respeito e dignidade não tenham de ser demandados a todo momento. Tivemos dia, mês e ano para os gritos de “basta!”: a Marcha das Mulheres Negras deflagrou em repúdio ao racismo, enfrentamento à exclusão e reivindicação por um pacto civilizatório que pusesse fim às formas renovadas da colonialidade do poder.

Em 18 de novembro de 2015, cerca de 50 mil mulheres marcharam em Brasília. Foi a maior marcha contra o racismo desde a de Zumbi, em 1995. O evento teve início às 9h, no Ginásio Nilson Nelson, e seguiu até o Congresso Nacional. Com palavras de ordem denunciávamos os desmandos do governo, a violência policial, a falta de acesso à saúde, à educação e ao trabalho; enfim, denunciávamos a não existência das mínimas condições de sobrevivência, e reclamávamos pela construção de um novo projeto civilizatório para a sociedade brasileira. (Figueiredo, 2020, p. 226)

A realidade das mulheres negras no Brasil – sobretudo, nas favelas – está prensada entre barreiras que chegam a estrangular o direito ao trabalho, frequentemente brecado pelos próprios “parceiros”. Uma violência tão corrosiva quanto o impacto externo advindo da indiferença e do descaso estruturais, que se desdobram no habitual. Por falar nisso, é precisamente sobre esse “habitual” que pensamos que a genialidade, a sensibilidade e a densidade analítica de Evaristo incidem. Sua escrita nos faz enxergar que ele não é natural, senão a reverberação direta de um projeto que se remodelou sem ousar desaparecer. Com a narradora Maria Nova, tramamos essa ponte entre passado e presente. Ao estudar a “Libertação dos Escravos”, a personagem se dá conta das cicatrizes abertas que ainda sangram no presente: “Tinha para contar sobre uma senzala de que, hoje, seus moradores não estavam libertos, pois não tinham nenhuma condição de vida. [...] Era uma história muito grande! Uma história viva que nascia das pessoas, do hoje, do agora.” (Evaristo, 2019, p. 11).

Uma vez percebido que descendentes de escravizados reencenam, sob novas roupagens, o sofrimento de outrora, e tudo isso à margem do olhar e do poder públicos, Maria Nova intui a subversão da colonialidade do ser ao projetar uma transformação em que sua comunidade transcenda a condição de vencida. Sabemos que semelhante percurso se desdobra no factual

lentamente, mas é justamente este o cenário em que se torna crucial cultivar, coletivamente, um espírito de perseverança e justiça. Nesse processo, a ação das mulheres negras no combate a estereótipos e práticas impostas é propulsora ao desmonte de preconceitos generalizados e negligência enraizada. Não por acaso, urge também reavaliar, no campo acadêmico, os conceitos e práticas que orientam a produção de conhecimento acerca dessas mulheres. O que se deve ressaltar dos diversos estudos (Giacomini, 2006; Bispo, 2011; Cardoso, 2012) que têm mapeado a colonização histórica do Brasil, entre a subordinação e, em alguns casos, a insubordinação das mulheres negras, é que elas não têm de pedir licença alguma. Construtoras de memória e catalisadoras de transformações profundas, elas nos apontam a seta para futuros que na história oficial jamais se previu.

4. MARIA-NOVA: ACADÊMICA, ESCRITORA DE PRESTÍGIO. REALIDADE OU UTOPIA?

Consagrada professora e autora, Evaristo buscou em seu íntimo a força extraordinária que deu origem ao romance. Percorrendo seus *Becos da memória*, torna-se evidente o desejo de que a favela e sua gente pudessem reivindicar um destino distinto do narrado, para além do registro da carência e da marginalidade, um gesto inscrito como contra-arquivo à tessitura colonial que historicamente condenou a favela a *não lugar*. Mesmo sob a dureza das privações, emerge uma felicidade resistente, condição que torna possível a construção de uma narrativa marcada pela alegria e pelo desabafo, pela celebração e pela denúncia. Suas personagens compõem um mosaico diversificado, de peculiaridades e complexidades, mas todas com sede de vencer na vida. Mas, quando falamos em “vencer” aqui, isso não significa necessariamente acúmulo de riquezas e, sim, a conquista do mínimo vital capaz de assegurar dignidade. Nesse campo de disputas, a estratégia de Evaristo é decisiva: a eleição de Maria-Nova para guardar a memória e narrá-la, de modo a observar, recolher e reordenar o cotidiano da favela também como operação política de reinserção histórica. “Um sentimento estranho agitava o peito de Maria-Nova. Um dia, não se sabia como, ela haveria de contar tudo aquilo ali. Contar as histórias dela e dos outros.” (Evaristo, 2019, p. 31).

Maria-Nova irrompe no romance como uma adolescente que, apesar das limitações financeiras, persiste em frequentar a escola, cultivar a leitura e imaginar alternativas.

Nas andanças de lá para cá, consegui um punhado de almanaque. Li todos, foi o tempo em que eu mais li. Tinha dor de cabeça e nas vistas de tanto ler.

Quando acabei a leitura de todos, havia aprendido uma coisa. Senti que lia melhor. A leitura já não me dava tanto trabalho. (Evaristo, 2019, p. 50)

Atenta e responsável, ela encarna o desejo de superação individual junto à urgência coletiva de desligar-se dos destinos previamente traçados pela ordem social. O que queremos dizer é que seus sonhos não são só simples aspirações juvenis, já que assumem a feição de uma missão em que ela está posta de protagonista da própria história. Entretanto, a obra não cai aprisionada em um viés romantizado. Ao contrário disso: Evaristo tensiona o contraste entre a potência do ideal e a dureza de um mundo marcado por barreiras estruturais. Em sendo uma menina negra, Maria-Nova traz em seu corpo e sua trajetória sinais de atravessamentos interditivos: desigualdades, racismo, deméritos baseados em gênero. O que para outros poderia ser apenas uma etapa formativa, para ela, se transforma em travessia árdua, em que mesmo o direito de sonhar já constitui ato político. O projeto alinha-se ao pensamento de bell hooks, sobretudo no sentido de que

[...] refuta os conceitos sexistas/racistas que buscam eliminar a possibilidade de mulheres negras terem vocações intelectuais, negando os estereótipos que as qualificam como emotivas e mais próximas da natureza e, portanto, impossibilitadas de desenvolver um pensamento propriamente científico. (Bernardino-Costa, Maldonado-Torres & Grosfoguel, 2018, p. 14)

Reforçamos que tais conceitos exclusivos precisam ser sistematicamente descartados, pois operam como se às mulheres negras fosse negado o direito de serem múltiplas: emotivas, sensíveis, profissionais e, sobretudo, intelectuais de grande envergadura. Como enfatiza hooks, trata-se de reconhecer as mulheres negras como sujeitas plenas de pensamento crítico e criativo, capazes de ocupar a centralidade em projetos científicos e epistemológicos de relevância (1991, p. 16). Para ela, portanto, a questão central não é provar aptidões já evidentes, mas providenciar acesso efetivo às grandes universidades como exercício de um direito fundamental, o que adquire caráter ainda mais urgente quando consideramos que muitas pensadoras críticas excepcionais permanecem fora dos espaços formais de legitimação acadêmica em função das barreiras estruturais que há pouco comentávamos.

É notório que tais problemas não se restringem às esferas sociopolíticas, pois se enraízam no próprio sistema em que vivemos – um sistema anatomicamente falho, que raramente direciona sua proteção àqueles que mais necessitam dela. Reconhecer esse quadro exige não apenas consciência individual, mas, sobretudo, uma atuação mais incisiva dos órgãos públicos, em especial daqueles voltados à educação. É imprescindível que tais instituições assumam a responsabilidade de fomentar reflexões críticas e decolonizantes, e isso também em esfera acadêmica. Entendemos como inadiável a incorporação sistemática de autoria negra e

indígena na produção científica, sob pena de reduzir a decolonialidade a um rótulo desvinculado de suas origens políticas e sociais. Como já foi advertido:

O descolamento do projeto decolonial da luta política das populações negras, caso se concretizasse, seria uma traição à própria decolonialidade. Esse é um risco que visualizamos quando diversos acadêmicos brasileiros começam a utilizar o título decolonialidade nos seus trabalhos acadêmicos e, no entanto, não citam qualquer autor negro ou indígena, ou sequer têm qualquer relação com movimentos sociais, limitando-se a dialogar com os membros da rede de investigação modernidade/colonialidade e com outros teóricos latino-americanos que falam a partir de uma perspectiva da população branca. (Bernardino-Costa, Maldonado-Torres & Grosfoguel, 2018, p. 10)

Nas últimas décadas, vem se solidificando uma inflexão no imaginário institucional brasileiro: a diversidade, antes asfixiada sob a máscara da neutralidade, passa a ganhar espaço, mesmo que ainda tímido. O processo, contudo, está longe de ser concluído, e as políticas de ação afirmativa representam uma de suas fissuras inaugurais: elas escancararam a homogeneidade quase branca das universidades públicas e, como bônus, o caráter ilusório de seu universalismo meritocrático. O ingresso de estudantes negros/as/es, indígenas e de outras minorias raciais redesenhou a paisagem dos cursos de graduação, e essa assiduidade começa a reverberar também na pós-graduação. No entanto, a conservação racial de corpos docentes majoritariamente brancos acusam também a lentidão dessa transformação em termos estatísticos, mas que também, sabemos, são epistêmicos e políticos.

Apesar de alguns avanços, a luta contra o racismo impregnado continua sendo um território particularmente exigente para as mulheres negras, cujas existências padecem de invisibilizações e silenciamentos. Ao atribuir a tarefa de narrar seu povo a Maria-Nova de maneira a transformar experiências marginalizadas em memória viva e visível, Evaristo desafia a Colonialidade do Ser e do Saber, que afeta os coeficientes de sujeito, objeto, método; seu objetivo é manter “[...] os condenados em seus lugares fixos, como se eles estivessem no inferno. Esse é o inferno em relação ao qual o céu e a salvação do civilizado são concebidos e sobre os quais ele está acoplado.” (Maldonado-Torres, 2018, p. 51). À vista disso, as histórias de Maria-Nova e Evaristo precisam ser contadas e divulgadas para a preservação das memórias, a fim de que o exemplo possa se expandir para todo ser humano, convocado também para contestar estruturas de opressão infelizmente ainda vigentes.

5. A DOR É FORTE DEMAIS: DA TRANSPARÊNCIA CULMINANDO EM SUICÍDIO

Exercício atroz do poder que produz efeitos duradouros e dolorosos, sabemos que a opressão é constante na experiência humana. No Brasil, manifestações brutais suas remontam aos tumbeiros e à escravização, cujos destroços residuais a escrevivência de Evaristo reinscreve pela voz coletiva de uma comunidade inteira: “Homens, mulheres, crianças que se amontoaram dentro de mim, como amontoados eram os barracos de minha favela.” (2019, p. 17). Na favela de Evaristo, a opressão eclode em bombardeio que manda estilhaços também para o espaço íntimo, numa espécie de conversão do lar em extensão do cativeiro. Entre suas faces mais dilacerantes, está a violência doméstica, mecanismo de controle que, embora atinja mulheres de todas as classes e raças, recai com ferocidade sobre mulheres negras, conformadas já de uma cronologia de objetificação. Tal violência, entendida como ação ou omissão baseada no gênero, dá uma miríade de sinais de sua presença danosa: lesões, sofrimento sexual e, de modo tão insidioso quanto, a erosão psicológica. O ciclo que a sustenta é vil e previsível: a tensão crescente, o ato impetuoso e a ilusória “lua de mel” que promete reconciliação. Enredada por essa teia emocional, a mulher congela entre o medo, a vergonha e a dependência financeira, sob a sustentada esperança de que seu agressor mude. O “descontrole” alegado, no entanto, é seletivo, dado que não se volta contra patrões ou figuras de autoridade. Portanto, confirma-se menos como impulso do que como tática de dominação, alimentada pela cultura de impunidade.

O ápice dessa sequência trágica é o feminicídio, mostra radicalizada do poderio patriarcal em que mulher e posse se nivelam. O crime costuma acontecer no momento em que ela tenta cortar o vínculo, e o agressor, incapaz de lidar com a perda, verte sua recusa em sua sentença de morte. Assim, o feminicídio é corolário da naturalização da ideia de que mulheres sempre pertencem a alguém, particularmente a homens. *Becos da memória* não se furta a expor esse nexos de fatalidade: a vida de suas mulheres está perpassada por camadas de vulnerabilidade que potencializam as violências sofridas. Sob o respaldo das opressões coloniais e da precariedade facto-material, o machismo estrutural define corpos femininos como territórios de controle e punição. Vamos a um exemplo extraído do romance:

Quem sofria nas mãos dele era sua mulher e sua filha Fuizinha. Vivia espancando as duas, espancava por tudo e por nada. Os vizinhos mais próximos acordavam altas horas da noite com o grito das duas. Era mau o Fuinha. Um dia a mãe de Fuizinha amanheceu adormecida, morta. (Evaristo, 2019, pp. 78-79)

A miséria que assombra a favela não se mede apenas pela fome ou pela falta: nela, fermentam dores invisíveis, violências abafadas e traumas que se prolongam. Em *Becos da*

memória, um dos episódios mais devastadores tange à cultura do estupro. Com abuso sexual explícito, sua mensagem é de que isso está longe de ser um ato isolado: é sistemático, é parte de uma engrenagem de poder que sufoca o pesar feminino como se fosse destino certo.

Maria Nova, na noite em que ouviu a história de dor da outra menina, dormiu e sonhou com a amiguinha. Nazinha sentia dor, sangue, sangue, sangue... Era como se a vida lhe estivesse fugindo a começar por aquele ponto entre as pernas. O homem tapou-lhe a boca e gozou tranquilo. (Evaristo, 2019, p. 38)

O caminho para a libertação é árduo e estendido. Há pouco, falávamos de como a luta para a de(s)colonização das mentes percorre tanto o campo da palavra (na literatura, na imprensa, no debate público) quanto o da tomada de consciência e práxis coletiva, haja vista movimentos como a Marcha das Mulheres Negras, em Brasília.

Os motivos da Marcha são a luta diária contra o machismo, o feminicídio negro, a erotização das crianças, a homofobia, a pedofilia e a cultura do estupro. Somos 49 milhões de mulheres negras no Brasil, a maior população negra fora da África, entretanto, a cada 1 hora e 50 minutos, uma mulher negra morre. Houve um aumento de 54% nos assassinatos de mulheres negras. A chance de sermos estupradas é três vezes maior do que a de mulheres brancas. (Nunes, 2015 *apud* Figueiredo, 2020, p. 235)

Não há como dimensionar a violência doméstica contra a mulher negra sem desvelar o racismo que costuma tornar sua dor um lamento sem eco e efeito, grito que não é ouvido, respondido ou levado a sério. Somando-se ao preconceito (essa lente que deforma o real), faz com que ocorrências de agressão nas favelas sejam tidas por corriqueiras. Nada, porém, há de normal nesses estrangulamentos, na extirpação da empatia tanto das políticas públicas quanto das relações diárias em menor escala. Aliás, a empatia é o elo perdido nesses enredos sociopolíticos que escoram as violências, dos quais as mulheres negras seguem sendo as vítimas mais afetadas (Nunes, 2015 *apud* Figueiredo, 2020). Afinal, elas são alvejadas não só dentro de casa, mas também por uma hostilidade midiática que as anula: quando aparecem, são enquadradas nos mesmos papéis (a empregada, a esposa do bandido, a prostituta...), nunca a advogada, a médica, a empresária. Essa invisibilidade inclui-se na comunidade de Evaristo a julgar pelo destino de Cidinha-Cidoca. Por ser bonita, desejada e, por isso mesmo, malreputada, ela enquadra o bode expiatório do desejo masculino e da rivalidade feminina. As mulheres da favela, em vez de oferecer-lhe suporte e entendê-la vítima, transformam-na em ameaça, em culpada pelos encantos alheios. Isolada e solitária, Cidinha-Cidoca situa-se duplamente punida: pelo olhar masculino que a objetifica e pelo olhar feminino que a rejeita.

Diziam as más línguas e as boas também que Cidinha-Cidoca tinha o “rabo de ouro”. Não havia quem o provasse e não se tornasse freguês. Todos iam e voltavam. Velhos, moços, e até crianças. As mulheres da favela odiavam Cidinha-Cidoca. As mais velhas a temiam pelos seus homens, as mocinhas por seus namorados e as mães por seus filhos que começavam a crescer. (Evaristo, 2019, p. 22)

Valemo-nos de duas informações que enxergamos participar de um mesmo desfecho infausto: 1) Cidinha-Cidoca não suportou o peso do repúdio coletivo; e 2) teve uma morte precoce. Evaristo deixa em suspenso como e por que ela veio a óbito: apenas sabemos que foi localizada sem vida no temido Buracão, aquele mesmo que parecia “desafiar” a comunidade e, de certa forma, espelhar o abismo interior da personagem. “A morte de Cidinha-Cidoca no Buracão era inexplicável para todos. Afinal, nunca tinha morrido alguém ali por queda. O Buracão era amaciado pela lama e mato.” (Evaristo, 2019, p. 158). De nossa parte, aventamos a possibilidade de que Cidinha-Cidoca tenha se lançado ao vazio, não por fraqueza e, sim, por exaustão, além de fatores como desprezo, racismo e exclusão que parecem ter minado sua vontade de existir. O que restava de ilusão desmoronou sob o peso da solidão imposta. Como tantas outras mulheres negras, a personagem não viu saídas diante da falta de entendimento para com ela, o que a consumia. Da pura desesperança, brota o gesto radical contra a opressão: uma forma amarga de libertação. Seu declínio, porém, não reflete só o individual, uma vez resultante de uma rede de barbaridades que, entre outras coisas, empurra corpos negros ao limiar do desaparecimento. “Dentro do racismo, o suicídio é quase a visualização, a performance da condição do sujeito negro em uma sociedade branca: na qual o sujeito negro é invisível. Essa invisibilidade é performada através da realização do suicídio.” (Kilomba, 2020, p. 188).

Os estereótipos também concorrem para o desgraçado fim de muitas mulheres negras. A elas, se impõe o mito da superforça, como se fossem inabaláveis, aptas a suportar tudo. Não é que elas não sejam fortes – elas são, sabemos. Mas essa força, quando transformada em exigência, se descortina em armadilha, pois impede o reconhecimento e a validação das dores, amordaça as angústias e pode levá-las a extremos. Kilomba lembra de ter ouvido uma mulher negra dizer, sem rodeios, “[...] que as mulheres negras não cometem suicídio porque simplesmente não têm tempo: pois elas têm crianças, empregos e tantas outras coisas para cuidar que acabam sem tempo para considerar matar a si mesmas” (2020, p. 192).

A sobrecarga, naturalizada, é outra faceta grotesca de opressão. Une-se a ela o estigma sobre o corpo e o cabelo da mulher negra. O racismo estético dita padrões e tenta enquadrar

texturas, volumes e cores em moldes brancos de aceitabilidade. O cabelo natural, o *black*, assume a função de signo político e cultural. Ao recusar o alisamento como imposição, as mulheres negras reiteram a potência de sua identidade, recuperam traços e particularidades de uma ancestralidade que delas se tentou sequestrar durante séculos de subjugo e humilhação. Permitir que o cabelo exista em sua forma própria transforma-se em desobediência à normatividade e reconquista simbólica do corpo como território expressivo de resistência e memória. No campo concreto, trazemos novamente à cena o paradigma da Marcha:

Além das questões já abordadas, vale destacar a beleza das mulheres que participaram da Marcha. Esteticamente falando, a ênfase foi no colorido das roupas, nos diferentes tons de batons e na beleza dos cabelos naturais, ou do cabelo *black*, como costumamos falar. A retomada da importância do cabelo como símbolo de orgulho e de identidade nesse novo milênio é, em parte, beneficiada pela utilização das redes sociais e do ciberativismo. (Figueiredo, 2017, p. 232)

A mulher negra experimenta a convergência do racismo, do sexismo, da misoginia, das desigualdades de classe e de outros pesos cruzados em desafios e violências singulares, configurando um campo de opressões entrelaçadas que não atingem mulheres brancas nem homens negros na mesma medida. Em *Becos da memória*, constatamos essa intersecção estampada na figura de Cidinha-Cidoca, vítima de desprezo por ser mulher e ter uma beleza percebida como “provocante”. Sua sensualidade, longe de ser reverenciada, converte-a em objeto de discriminação por parte de sua própria comunidade. Os homens dali, forjados por um imaginário colonizado, depositam nela o fetiche da mulher hiperssexualizada, um desejo impregnado pela vontade de posse e pela desumanização, que a enredam na condição de fantasia sexual, fera perigosa a ser domada a qualquer custo. A esse respeito, é pertinente aproximar nossa leitura de Evaristo à análise de Kilomba (2020) sobre “fantasias coloniais” que incidem sobre corpos racializados e sua navegação pelos espaços. A ruptura com a normatividade cisbranca, que consagrou o padrão de beleza europeu como modelo universal, projeta mulheres como Cidinha-Cidoca a uma zona de ambiguidade: em simultâneo, elas são desejadas e rejeitadas, estão hipervisíveis e apagadas. Elas são lidas em seu “estrangeirismo seduzente”, um “entreterras” que as submete a olhares curiosos e questionamentos invasivos. Neste estatuto liminar, elas surgem como alvos marginais, dos quais se acredita poder extrair prazer e que, por isso mesmo, podem ser “genuinamente infringidos”. Tornam-se o “Outro” que se quer consumir, mas não integrar; o corpo-terreno sobre o qual se instaura soberania, mas ao qual não se concede humanidade. A interação dessas identidades é elemento crucial para se compreender como as hierarquias se formam, se reforçam mutuamente, se perpetuam. Depreendemos, portanto, que os combates à opressão não podem ser segmentados, devendo

considerar em amplo espectro e em regime de indissociabilidade os termos que dão vez às existências negras e femininas.

6. A INTERSECÇÃO DE OPRESSÕES E A VISÃO DO LÓCUS FRATURADO

A opressão está diretamente alinhada com o conceito de “Lócus Fraturado”, que, nos Estudos Culturais, na Sociologia e na Teoria Feminista, designa um ponto de colapso, em que identidades e estruturas sociais se desestabilizam. É nesse solo fragmentado que se combinam múltiplas forças da opressão, no que se convencionou chamar de “intersecção de opressões”. Este mosaico de múltiplas discriminações (racismo, sexismo, classismo, entre outras) produz experiências únicas e complexas de exclusão e violência, impossíveis de serem entendidas de modo isolado. As identidades se sobrepõem, se permeiam, moldam os modos como cada sujeito vivencia o mundo e a si mesmo.

Em *Becos da memória*, a conduta de Cidinha-Cidoca é julgada por filtros colonizados, a ponto de ela ser culpabilizada pela atração que provoca e, ironicamente, castigada por isso. As mulheres, também talhadas por esse pensamento, reproduzem o sexismo ao atribuir-lhe a responsabilidade pelos desejos e pelos desvios de seus maridos, vetando-lhe sororidade e solidariedade. O preconceito incorporado frisava a crença de que Cidinha-Cidoca não podia ser bela e sensual sem ameaçar a estabilidade conjugal alheia, razão pela qual era rotulada de “pecadora do sexo”. Para Lugones (2014, p. 937), “[a]s condutas dos/as colonizados/as e suas personalidades/almas eram julgadas como bestiais e, portanto, não gendradas, promíscuas, grotescamente sexuais e pecaminosas”. Nossa personagem foi classificada como promíscua e vulgar com base exclusiva em sua aparência, tendo sua subjetividade eclipsada. Fixado na superfície dos corpos, o repertório simbólico colonial garante uma esquematização erótica e pública que perfura seu íntimo. Diante desse quadro, faz-se imperiosa a descolonização, em seu aspecto orgânico, a intervir nas estruturas e nos afetos, não só enquanto conceito abstrato. “Descolonizar o gênero é necessariamente uma práxis. É decretar uma crítica da opressão de gênero racializada, colonial e capitalista heterossexualizada, visando a uma transformação vivida no social” (Lugones, 2014, pp. 939-940). Acrescentamos: é romper com o feitiço que confunde o corpo com o destino, é reaver o direito de se ser inteira (não só visível na forma), é a manifestação viva que se faz com corpo, com a voz, nas brechas em que o social ainda pode ser reinventado.

A intersecção de opressões torna indispensável a descolonização das mentes. Só por meio desta será possível avançar em direção a um futuro que garanta uma existência plena, uma paz físico-espiritual que deveria ser a regra e, não, a exceção. Contudo, como alertam Aparicio e Blaser (2008, p. 935), a Modernidade organiza o mundo em seções ontológicas homogêneas, atômicas e separáveis. É precisamente esse raciocínio fragmentário que a crítica feminista de mulheres racializadas e do Sul Global contesta, ao reiterar que a interseccionalidade de raça, classe, sexualidade e gênero transcende tais divisões. Se “mulher” e “negro” forem entendidos em taxonomias autônomas e estanques, a interseção não revelará a presença das mulheres negras, senão sua extirpação do projeto epistemológico da Modernidade.

A noção de Lócus Fraturado ressoa em *Becos da memória*, de Evaristo. A cada beco descrito, desvela-se o abandono que se estende das esferas municipais ao poder federal. A precariedade geográfica não apenas ensejou o decreto de desfavelamento, mas também erigiu o espaço como algo além da ruptura: uma esfera meticulosamente invisibilizada por ação e omissão do Estado. Tal negligência se ancora na Colonialidade do Poder (Quijano, 2005), cujas dinâmicas racial e hierárquica fundamentam o capitalismo contemporâneo. Evaristo retoma a matriz histórica ao estabelecer um diálogo direto entre a senzala e a favela, como na percepção da personagem Maria Nova. A senzala-favela é a atualização de uma gestão que se remodelou sem abandonar sua base escravocrata. Como versa Lugones (2014, pp. 939-940):

Uso o termo *colonialidade* seguindo a análise de Aníbal Quijano do sistema capitalista do mundo em termos da ‘colonialidade do poder’ e da modernidade – dois eixos inseparáveis no funcionamento desse sistema de poder. Em nossas existências colonizadas, racialmente gendradas e oprimidas, somos também diferentes daquilo que o hegemônico nos torna.

O aspecto mais alarmante do Lócus Fraturado é a mudez forçada a quem o ocupa. As vozes – isso quando emergem – se dissolvem no descaso, como se fossem responsáveis por provocar a própria condição de exclusão. Em *Becos da memória*, a espoliação desponta como chaga: os moradores acabavam destituídos de sua cultura, suas identidades cidadãs e qualquer resquício de autoestima. Sobretudo, tinham sua dignidade soterrada pelo peso das máquinas e pela indiferença coletiva. Cada vez que o “bichão pesado” demolia um barraco, não era só uma estrutura que vinha abaixo, pois também se abalava todo o grupo de seres humanos que travavam uma luta diária contra tudo e contra o nada. Eram em vão seus “gritos” de socorro, tanto que até as torneiras públicas foram retiradas para que não houvesse, ao menos, água para matar-lhes a sede. Esta, aliás, presta-se a mostrar mais que uma necessidade física dos corpos,

portando-se, especialmente, como símbolo para a ausência e a urgência por justiça. O desprezo parecia inevitável pelas classes sociais superiores:

Como tal, quero compreender aquele/a que resiste como oprimido/a pela construção colonizadora do lócus fraturado. Melhor dizendo, é ver pessoas — qualquer um/uma, na verdade — pressionadas sob circunstâncias difíceis a ocupar posições degradantes que as tornam enojantes aos superiores sociais. (Lugones, 2014, pp. 941; 946)

A noção de Lócus Fraturado extrapola o romance de Evaristo: trata-se de uma chave de leitura de alcance global. Afinal, repercute um mecanismo histórico graças ao qual nações em seu ímpeto imperialista submeteram outras ao status de colônia para, entre outras coisas, a extração de riquezas, como ocorreu com o Brasil sob jugo português. Os efeitos devastadores jamais deixaram de ser sensíveis: permanecem incrustados na economia e no tecido social de nosso país, como pretendemos provar de nossa apreciação de *Becos da memória*. Insistimos que não se trata de uma “diferença colonial” superada, mas algo como uma metástase dessas estruturas no contemporâneo. A questão, portanto, é mais do que o mero e explícito exercício de poder; é, principalmente, sobre como há outras formas insinuadas de conceber, arranjar e naturalizar assimetrias no mundo. Nas palavras de Mignolo (2000, p. ix):

A diferença colonial é o espaço onde a colonialidade do poder é exercida. Uma vez que a colonialidade do poder é introduzida na análise, a “diferença colonial” se torna visível e as fraturas epistemológicas entre a crítica eurocêntrica ao eurocentrismo se distinguem da crítica ao eurocentrismo ancorado na diferença colonial.

A circulação do poder contamina todas as dimensões da existência humana (física, mental, espiritual *etc.*). Em *Becos da memória*, romance de ficção-realidade magistralmente escrito por Evaristo, testemunhamos os efeitos catastróficos dessa lógica. Nenhuma esfera da vida da comunidade retratada permanece intocada. A expropriação, vilã na narrativa, segue protagonista dos dramas reais – e não só do Brasil, mas também globalmente falando. Como arremata Lugones, “[a] lógica e [a] eficácia [da colonialidade] são enfrentadas por diferentes pessoas palpáveis cujos corpos, entes relacionais e relações com o mundo espiritual não seguem a lógica do capital” (2014, p. 948). Eis a expressão do Lócus Fraturado na atualidade: um espaço onde a colonialidade do poder atua difusa, mas encontra resistência na tessitura humana de corpos, afetos e espiritualidades que não se entregam, não se dobram *in totum* à razão capitalista.

7. A FRATURA, O ACIDENTE DOS TRATORES

A relação entre “Lócus Fraturado” e “acidente dos tratores” em *Becos da memória* não implica contradição, mas, sim, uma correspondência elucidativa. Ambos os termos se articulam para evidenciar a coragem e a resistência dos moradores diante da violência que se insiste no espaço da favela. Evaristo transforma o trauma coletivo em testemunho de força: o episódio do “bicho pesadão”, que chegou com fome de buracos e barracos, é símbolo da destruição física tanto quanto o é catalisador de uma reinvenção comunitária. Mesmo diante do desabamento, da lama e do desalento, o povo não deixou de “comemorar” o início das chuvas, que costumavam trazer deslizamentos e desbarrancamentos, precisamente pelo fato de o “bicho pesadão” dar um tempo nas obras visadas para o desfavelamento. Sublinhamos a alegria, no sentido mais sofisticado da palavra, como trampolim para o espírito de luta e perseverança, qualidades essas que Evaristo conduz com maestria em sua ficção-realidade.

Na rotina daquele espaço, a vida era efêmera: crianças nasciam, cresciam e logo se tornavam adolescentes, jovens, adultos. A maturidade, indistintamente, era fardo precoce; traziam da infância não vivida a ausência das brincadeiras simples que lhes foram negadas pela carência. O passado, contudo, ressurgiu em abrupto, como um furacão nos corações: ao avistar os tratores parados no canto, nos “homens-vadios-meninos”, se reacende, por um instante, o desejo de brincar. E vão, entre risos e gestos improvisados, reviver o prazer que se assimilou em sua infância. “Assim parte o pequeno bando de homens-vadios-meninos, felizes por finalmente brincar de carrinho – no próprio carrinho, experiência tardia e, talvez, libertadora.” (Evaristo, 2019, p. 74).

A felicidade durou pouco, mas também foi muita. Apesar da alegria de brincar no “carrinho”, o acidente fatal interrompeu a vida daqueles homens-vadios-meninos. A tragédia sucedeu a um último lampejo de infância, isto é, aquele brincar, a despeito da demora em se consumir, foi a manifestação final da criança que não pôde existir, em (re)existência/resistência na favela. Mas a sobrevivência, para eles, coincidiu com a morte, uma forma paradoxal de permanecer vivos no gesto derradeiro, uma breve vitória sobre o esquecimento, a brincadeira genuína mesmo face à destruição. Os corpos despedaçados no chão, junto às partes dos tratores, compõem a imagem mais dura do Lócus Fraturado, o espaço de destruição ambivalente, porque concreta e simbólica. Antes seu poder devastador tivesse pertencido estritamente ao passado: ele se renova, incansável, nas brechas da vida cotidiana. Ainda assim, não se esgota o ânimo desse povo, a energia silenciosa que lhes permite seguir,

fazer da dor uma inflamação canalizada à continuidade. A mensagem a que damos eco é de que a fratura imposta não significa – e não pode significar – ponto final.

Assim, a percepção e a habitação múltiplas, a fratura do lócus, a consciência dupla ou múltipla são estabelecidas em parte por essa diferença lógica. O lócus fraturado inclui a dicotomia hierárquica que constitui a subjetificação dos/as colonizados/as. Mas o lócus é fraturado pela presença que resiste, a subjetividade ativa dos/as colonizados/as contra a invasão colonial de si próprios/as na comunidade desde o habitar-se a si mesmos/as. (Lugones, 2014, p. 920)

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“E continuo afirmando que a favela descrita em *Becos da memória* acabou e acabou. Hoje as favelas produzem outras narrativas, provocam testemunhos e inspiram outras ficções.”

— CONCEIÇÃO EVARISTO,
“Da construção de *Becos*” (2019)

O projeto decolonial, enquanto fenômeno global, constitui um empreendimento coletivo ancorado em um giro estético-ético. Este giro visa a atenuar até se livrar dos efeitos persistentes da colonialidade, propondo, em seu lugar, epistemologias outras e novas perspectivas de futuro. Trata-se de um comprometimento radical com a Alteridade, implicando a validação incondicional de subjetividades previamente negadas em sua liberdade de ser. Tal movimento exige e produz um deseurocentramento fundamental, de tal modo a desestabilizar normatividades, interromper linearidades históricas hegemônicas e redesenhar radicalmente as possibilidades de existência. Se nos voltarmos aos estudos fundadores do campo, atestaremos que um giro decolonial só é possível mediante o questionamento radical do poder. É aqui que a *escrivência* de Conceição Evaristo, conceito que entrelaça língua, experiência vivida e autoria negra, mostra sua potência máxima. Mais do que um estilo, trata-se de uma prática que dá vez ao conhecimento produzido a partir do *locus* de periferização. Ela nos (re)submete a um processo de letramento crítico, um aprender a (re)existir e resistir através da linguagem, numa ecologia de saberes.

Lida decolonialmente, *Becos da memória* nos mostra que, apesar da crueza das tragédias narradas, outras direções são imagináveis. A favela, em sua dignidade intrínseca, não se limita a um território de ausências; ela é, sobretudo, Vida afirmativa. Não é que a dor esteja mitigada; Evaristo a redireciona, transformando seu peso em leveza capaz de expandir a potência de agir. Face a tudo isso, podemos dizer que o romance nos permitiu constatar uma distinção fundamental: enquanto a descolonização se refere ao processo histórico-político de

independência (com suas vantagens e contradições), a decolonialidade constitui um projeto contínuo de libertação epistêmica, de caráter futurístico. É polivalência, semente, efeito multiplicador: onde a lógica colonial previa enterros, Evaristo faz brotar árvores frondosas, cheias de frutos e sementes, em trama de iluminação recíproca. Eis o núcleo da ética discursiva evaristianiana: sua escrita é política por transformar histórias-objeto em histórias-sujeito. Isso decorre não só da costura polifônica de falas de pessoas outrora silenciadas, mas, sobretudo, do deslocamento do sujeito hegemônico ao lugar de ouvinte dessas vozes. A narrativa impõe escuta responsável àqueles cujas posturas precisam ser superadas, convertendo o contato com a experiência dos seres marginalizados em catalisador pedagógico que força o confronto com a materialidade da alteridade que seu privilégio costuma insistir em negar. É uma pedagogia pelo contraste que serve de catalisador para repensar o poder. A existência-resistência, se antes explorada para concretizar o estar-aí-hegemonizado de outrem, é agora articulada como impulso para novos olhares e perspectivas do que já existe e resiste.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APARICIO, Juan Ricardo; BLASER, Mario. “The ‘Lettered City’ and the Insurrection of Subjugated Knowledges in Latin America”. *Anthropological Quarterly*, v. 81, n. 1, 2008, pp. 59-94.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 11, pp. 89-117, 2013. Disponível em: periodicos.unb.br/index.php/rbcp/article/view/2069. Acesso em: 6/9/2025.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Autêntica, 2018.

BISPO, Silvana de. *Feminismo em debate: reflexão sobre as organizações de mulheres negras em Salvador (1978-1979)*. Salvador: UFBA, 2011. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulher, Gênero e Feminismo) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

CARDOSO, Cláudia Pons. *Outras falas: feminismos na perspectiva de mulheres negras brasileiras*. Salvador: UFBA, 2012. Tese (Doutorado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs*. Volume 1. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2019.

DUSSEL, Enrique. *1492: O encobrimento do outro (A origem do “mito da modernidade”)*. Tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 1993.

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Pallas Editora: 2019.

FIGUEIREDO, Ângela. A Marcha das Mulheres Negras conclama por um pacto civilizatório: descolonização das mentes, dos corpos e dos espaços frente às novas faces da colonialidade do poder. In: JOAZE, Bernadino-Costa; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón (orgs.). *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

hooks, bell. Intelectuais negras. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, UFSC, v. 3, n. 2, pp. 464-476, 2005. Disponível em: periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFile/16465/15035. Acesso em: 4/9/2025.

GIACOMINI, Sonia. Mulatas profissionais: raça, gênero e ocupação. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 14, n. 1, 2006.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Editora Cobogó, 2020.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. *Hegemony and Socialist Strategy*. London: Verso, 1978.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. *Revista Estudos Feministas*, v. 22, n. 3, 2014. Disponível em: doi.org/10.1590/S0104-026X2014000300013. Acesso em: 22/10/2025.

MORRISON, Toni. *A origem dos outros: seis ensaios sobre racismo e literatura*. Tradução de Fernanda Abreu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). *A Colonialidade do Saber: Etnocentrismo e ciências sociais – Perspectivas latinoamericanas*. Buenos Aires: Clacso, 2005, pp. 107-126.

WALLERSTEIN, Immanuel. *The Modern World-System I*. University of California Press, 2011.